

# REVISTA DE AGRICULTURA

DIRETORES :

Prof. N. Athanassof  
Prof. Octavio Domingues  
Prof. S. T. Piza Junior  
Prof. Carlos T. Mendes  
Prof. Ph W. C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento teórico e prático

Vol. 22

Novembro - Dezembro 1947

N. 11 - 12

## O zebú leiteiro, uma realidade possível \*

**Prof. Octavio Domingues**

Zootecnista do S. I. A. e cat. da Escola Nacional de Agronomia

“Nenhum outro país possui as possibilidades de que dispõe o Brasil, com relação à pecuária”. É muito difícil acompanhar-se este “ufanismo” do sr. Roy Nash, que se depara no seu livro “A Conquista do Brasil”, numa tradução pouco feliz do sr. Moacyr Vasconcelos.

Quem conhece as melhores regiões pastoris da Argentina, do Uruguai e dos Estados Unidos, para poder compará-las com as “nossas possibilidades”, mais famosas que reais, não pode acompanhar este entusiasmo de Nash, que parece não haver apurado bem as nossas dificuldades de criar animais domésticos.

Basta partir da seguinte realidade : nos três países citados o clima é temperado, e em três quartas partes do Brasil, as condições climáticas são tropicais. E essa diferença é fundamental e dominante em matéria de produção pecuária, porque as raças melhoradas, mais produtivas de animais domésticos são tipicamente da zona temperada da terra.

Mas nem por isso a pecuária deixa de ser para nós uma indústria essencial, sem a qual nunca teríamos nos constituído em nação una e independente. É mais do que sabido ter sido ela que ajudou o nosso povoamento, e permitiu o estabelecimento e o progresso da nossa indústria agrícola : cana de

(\*) Palestra irradiada na 9.ª Série da “Marcha para Oeste”, do Serviço de Informação Agrícola, do M. de Agricultura, a 6 de nov. deste ano.

açúcar primeiro, depois algodão e por fim café. Isto sem falar no auxílio decisivo, que prestou à própria mineração, quando esta era a nossa atividade mais importante e fundamental.

Dizer que ela é um estêio da nossa civilização tropical, em sua maior extensão, é dizer uma verdade velha, porque não há civilização em progresso, sem animais domésticos.

Precisamos dela, e por isso devemos voltar para ela tôdas as nossas atenções. Não porque “o Brasil possui, como nenhum outro país, possibilidades para a pecuária”, mas sim porque sem pecuária não progredimos nunca. Não é possível a vida humana sem proteínas, e nos produtos pecuários encontramos as proteínas valiosas e também mais baratas, de um modo geral.

A carne, o leite e os ovos são três alimentos essenciais hoje, para qualquer povo civilizado. E produzir carne, leite e ovos, entre os trópicos, constitui uma tarefa para a qual o homem não formou ainda raças melhoradas, de alto rendimento econômico.

Todavia é possível citar uma exceção, que é uma conquista nossa — é a revelação de que onde o boi europeu fracassa como produtor de carne e leite — o boi indiano pode substituí-lo vantajosamente.

O povoamento dos nossos pastos, Brasil a dentro, tem de ser intensificado, portanto, com esta espécie que trouxemos da Índia, numa intuição admirável de seu valor e vantagens. Somente com o zebú poderemos aumentar o rendimento de nossas terras de campo. Mas isto se o utilizarmos inteligentemente, deixando de fazer dêle um “boi de ouro”, para fazer, sim, um boi capaz de dar bons bifés, e uma vaca capaz de produzir leite em abundância.

O caminho para isso está mais ou menos achado. Parte, por nós mesmos, com as nossas experiências, no terreno das realizações práticas, e parte pelos pesquisadores que fizeram do zebú o objeto de ensaios científicos, cujas conclusões só nos falta aplicar.

Na história do gado zebuino, podemos estabelecer duas fa-

ses distintas, que deram origem a duas formas: o antigo zebú e o neo-zebú.

O antigo zebú muito pouca influência teve na formação da nossa pecuária, e pois, no povoamento das nossas campinas. Dêle ficou seu sangue disseminado apenas em algumas raças nativas — sem muita importância, seja pelo seu nenhum valor zootécnico, tal o caso do gado “China”, seja pela sua população demais insignificante, em via de extinção, tal o caso do Malabar, de rara ocorrência hoje.

O neo-zebú já resultou de uma introdução mais recente, que pode ser situada na segunda metade do século passado. A data da primeira importação, nessa segunda fase, está entre 1870 e 1875, conforme o resultado de pesquisa histórica, empreendida pelo sr. Barbosa da Silva. Foi o Barão das Duas Barras, pois, o primeiro a realizar, no Estado do Rio, a inovação de utilizar o sangue indiano, na multiplicação de seu gado. Ao lado dêle devem ser citados ainda os barões de Nova Friburgo e de São Clemente como pioneiros do neo-zebú. (\*\*).

Do Estado do Rio, o zebú foi ter a Minas, primeiramente a Curvelo e Sete Lagoas, e depois a Uberaba, ou melhor ao Triângulo Mineiro, onde empolgou os criadores, que passaram a realizar importações diretas da Índia, desenvolvendo a criação do novo gado, e para êle chamando tôdas as atenções.

É por demais conhecida a demorada controvérsia em torno de seu valor, como espécie capaz de povoar os campos do Brasil Central e do norte do país, em substituição à criolada de baixo rendimento econômico. Controvérsia que terminou pela vitória do zebú, finalmente hoje considerado um fator essencial de progresso na nossa pecuária.

Nenhuma dúvida mais reina hoje, quanto à necessidade de criar as raças zebuinas, nas zonas tropicais, e mesmo nas subtropicais, para a produção de carne e leite. É uma necessidade econômica por um imperativo geográfico e climático.

Com elas é que poderemos povoar as campinas naturais do oeste e do norte do país, mas tendo em vista sempre a forma-

(\*\*) Alexandre Barbosa da Silva — “O Zebú na Índia e no Brasil”, 1947.

ção de rebanhos para serem uma fonte de bois para os frigoríficos, matadouros e charqueadas, e de vacas para a produção de leite, manteiga e queijo.

Sobre o zebú, como produtor de carne muito já se tem falado e escrito. Convém começar a insistir sobre o zebú como produtor de leite.

Uma indagação que, em geral, logo se faz é quanto à raça mais leiteira — Nelore, Guserá, Gir, Indubrasil ?

As afirmações dos observadores coincidem em dizer que as mais leiteiras são a Guserá e a Gir, sem que isto signifique uma exclusão absoluta das outras. Nos rebanhos de Indubrasil e de Nelore há também leiteiras acima da média comum das outras raças.

E, ainda, há muito boas leiteiras nos rebanhos mestiços do zebú, mestiços com alto grau de sangue indiano, mas sem uma caracterização que os defina etnicamente. Na sua quase totalidade são mestiços com ares de Guserá ou ares de Gir.

Uma escolha conveniente desse gado mestiço, com vocação para produzir leite, levará fatalmente à formação de uma variedade de zebú leiteiro. Mas que se faça isto sem nenhuma preocupação de caracteres raciais, de pintas, de forma de orelha, de pelagem. Mas também que, uma vez de posse de espécimes mais produtivos, não se promova um novo "encilhamento". Antes, que eles sirvam ao seu mister, suprir nossas necessidades de nutrição.

Quatro são os caminhos para o aproveitamento do zebú, no aumento do nosso rebanho leiteiro: 1. Seleção dentro do Guserá e do Gir. 2. Importação do Sind ou do Sahiwal. 3. Seleção dentro da vacada azebuada. 4. Cruza do zebú com as raças leiteiras de *Bos taurus* (Holandêsa, principalmente).

Por ora vamos fazer salientar apenas o caminho que se me afigura mais imediato: a seleção dentro da vacada azebuada com vocação leiteira. Devo dizer que este caminho não exclui os outros. Lógicamente deve ser o primeiro, porque dele resultará uma população capaz de receber, mais vantajosamente, o sangue melhorador das raças leiteiras euporéias.

Em cada fazenda há sempre um lastro de fêmeas incapazes de serem alçadas à posição de animais pertencentes a qual-

quer das raças zebuínas, que estamos apurando etnicamente. E dentro dêsse lastro de fêmeas será possível escolher um bom material para constituir um rebanho leiteiro, com que iniciar-se uma seleção nesse sentido, obedecendo as normas gerais, anteriormente delineadas: visar sobretudo a aptidão leiteira, tendo em vista o ubre e a produção de leite obtida, e não as pintas do animal.

Esta recomendação, que tenho a feliz oportunidade de aqui fazer, é dirigida diretamente aos criadores. A êstes é que cabe, mais uma vez ainda, mostrar sua capacidade de realização. Os que povoaram boa parte dos campos do oeste e do norte servindo-se das raças da melhor espécie animal, para produzir carne, nos climas tropicais, devem aproveitar o momento para dirigir suas atividades noutro rumo: a formação do zebú leiteiro.

Para isso os criadores de zebú já possuem um rico material, que eu mesmo tive ocasião de apreciar. É tudo uma questão de disposição para uma tarefa árdua, é certo, e também de lucros definitivos muito remotos. Mas é uma tarefa à altura dos que trabalham construindo também para o futuro.

E convém mais ainda. Devem se atirar a êsse novo empreendimento com os ouvidos fechados às opiniões contrárias, que fatalmente hão de surgir. Como da outra vez, devem marcar o rumo, e segui-lo apesar das controvérsias, que mais uma vez se levantarão ociosas, improdutivas e anti-patrióticas.

O zebú leiteiro é uma necessidade e é também uma realização possível.

## **Demarcação e Divisão de Terras**

**Sistema analítico ou**

### **O Método das Latitudes e Longitudes**

**(Coordenadas retangulares)**

**Aplicado à medição e divisão de terras**

**BENTO FERRAZ DE A. PINTO**

**Engenheiro-Agrônomo**

**Preço Cr\$ 15,00. inclusive o porte - Pedidos a Plínio Fer-**